



CONTARDO CALLIGARIS  
RESUMO

## Conferência: *Sentidos da vida*

Por Luciana Thomé

### A estética, a cultura e os buracos nas estantes

Contardo Calligaris é um psicanalista e escritor italiano radicado no Brasil. Em seus livros e no seu trabalho, aborda temas como cultura e psicanálise, em especial sobre a suposta obrigatoriedade da felicidade, do gozo, da beleza e dos excessos. Na sétima conferência da temporada 2019 do *Fronteiras do Pensamento* em Porto Alegre, ele falou sobre Sentidos da vida, apresentando um ensaio íntimo filosófico baseado em algumas imagens, com o objetivo de desenhar uma possível resposta a partir de lembranças e dos ensinamentos de seu pai. Um depoimento emocionado e relevante sobre estética, autoritarismo e resistência.

A primeira imagem mostrou a biblioteca do Mosteiro de São Bento, em São Paulo e que foi um dos cenários de sua série *Psi*, exibida no canal HBO. A fotografia serve como referência para lembrar da biblioteca do pai, em Milão, e de uma das conversas que tiveram e que segue em sua memória. Aos 11 anos, Calligaris resolveu provocar o pai, questionando por que ele não ia à igreja, nem mesmo na Páscoa. Apontando para as estantes de livros, declarou para o filho: “Por mais que haja livros, por mais que a gente leia ou escreva, sempre haverá buracos nas estantes. E, aliás, é importante que a biblioteca tenha buracos nas estantes”. O psicanalista brincou que, num primeiro momento, acreditou ser uma dica de decoração. Mas o pai pediu que pegasse uma Bíblia protestante e respondesse o que ficou no lugar onde o livro estava. Um buraco, claro. E complementou com uma declaração que o filho não mais esqueceria: “Há livros que são escritos para tapar os buracos da estante. E há livros que são escritos para preservar os buracos na estante”. Desde então, Calligaris não mais parou de se perguntar quais são os livros que tapam e quais são os livros que preservam os buracos nas estantes.

A ideia, enaltecida por seu pai, era de que os buracos nas estantes representam uma chance de conviver melhor com o que não se sabe, do que simplesmente tapar um buraco com um livro qualquer e deixar as estantes completas. “Eu tinha a clara sensação de que ele sentia uma alegria positiva, jocosa, no buraco na estante. A existência de buracos nas estantes não era

Apresentação



Patrocínio



Empresas Parceiras



Parceria Cultural



Promoção



Universidade Parceira





uma condição existencial que constituísse para ele algum tipo de aflição. Como se fosse um drama ou um fardo humano conviver com buracos nas estantes. Desta alegria me resultou também uma dificuldade para os livros que fariam dos buracos nas estantes, uma espécie de drama, ou mesmo um peso na condição humana. Um peso pelo fato de que não sabemos fechar o sentido do mundo e da vida, como se esta aflição nos definisse. Como se ela fosse tão pesada quanto qualquer livro que pudesse preencher o buraco na estante.”

Na segunda imagem, trouxe a referência ao período em que o pai, em abril de 1945, foi nomeado prefeito de Mesero, pequena cidade a 50 quilômetros de Valsesia, na Itália. Médico, casado e já com um filho, o Dr. Calligaris (pai) era *partigiano* independente, ou seja, sem filiação partidária. Em seu consultório, tratava às escondidas os *partigianos* feridos. Calligaris, nascido dois anos depois, não lembra de ver o pai com uma arma na mão, mas cresceu em uma casa que tinha uma metralhadora Breda 37 no porão. E também herdou uma Beretta 765, arma usada pelos oficiais italianos na Segunda Guerra Mundial. “Desta época do meu pai, isto é um fato importante, não sabia quase nada. Sabia que ele tinha sido antifascista, o que não significa quase nada. Não sabia que ele tinha se envolvido na luta armada, nada disso. Eu só soube realmente ou comecei a ter uma ideia do que tinha sido a posição dele durante a guerra e a vida dele e do meu irmão que nasceu em junho de 1943 quando, dois anos atrás – numa viagem que foi memorável por várias razões, que fiz sozinho e foi importante afetiva e emocionalmente para mim –, eu estava preparando e ainda estou um livro no qual eu tentaria juntar lembranças e outras coisas parecidas e documentos para tentar explicar o que é para mim a Europa.”

Nesta viagem à Itália, descobriu relatos escritos pelo pai, que mostram as histórias de pessoas da região, carregando o charme, o peso e a razão de ser da vida cotidiana. “Que ali tem alguém, um homem, meu pai, que tinha sido combatente, arriscado a sua vida de alguma forma, e a vida do filho de dois anos e da mulher também, que tinha 23 anos naquela época. E a minha nem se fala, porque como projeto eu estaria perdido se ele fosse morto naquela altura. Aí tinha este homem, que passa por esses dois anos absolutamente malucos de ação pesada e que, quando a guerra acaba, volta a uma certa tranquilidade democrática. E ele estava ali, cuidando do cotidiano das pessoas de quem ele era prefeito.”

Calligaris chegou à conclusão de que, para seu pai, a vida não era um valor absoluto, pois ele colocou a sua própria em risco, mesmo sem interesse na política. “Sem falar da vida do meu

## Apresentação



## Patrocínio



## Empresas Parceiras



## Parceria Cultural



## Promoção



## Universidade Parceira





irmão, da minha mãe e de mim, mas também sem livros que tapassem o buraco na estante. Meu pai era capaz de uma ação extrema sem que esta ação fosse referida ou sustentada por uma fé de qualquer tipo que fosse.”

No entanto, durante a década de 1960, Calligaris se perguntava como o pai poderia ter sido antifascista. “Eu sabia que ele tinha sido antifascista. Eu não sabia nada do que eu contei agora. Eu não sabia a que ponto. Eu lhe disse: ‘Escuta, você não é comunista, não é sequer socialista. Você é liberal (coisa que, na época, me parecia uma injúria gravíssima). Mas, então, por que razão você teria sido antifascista?’. Em nome de quê? Era como se a ação ou o engajamento moral só pudesse se dar em nome de um sentido que transcendesse completamente a vida concreta.”

O pai demorou a responder. E, quando o fez, a resposta sincera indignou Calligaris. “Ele me disse: ‘Sabe, é porque os fascistas eram muito, muito vulgares’. Eu fiquei indignado. Porque a ideia de que ele pudesse ter tomado uma posição radical – eu soube só recentemente quão radical realmente – apenas por uma razão que, no final das contas, se resume num juízo estético, nada a ver com posição de classe, confronto econômico. Um juízo estético.”

Calligaris mostrou, então, duas imagens que, para ele, representam a vulgaridade fascista. Numa delas, crianças com arminhas, como um protótipo da vulgaridade. E, na outra, um grupo de fascistas queimando livros. No meio do grupo, um deles ri diretamente para a câmera. “Este cara com um chapéu e que está rindo. Eu acho que está rindo porque acha isso engraçado. Não só o que tem de profundamente vulgar é que ele está achando engraçado o que acontece, mas ele está supondo que nós olhando para este quadro estejamos achando isso engraçado também. Ele está imaginando que a gente vai rir com ele. Eu acho muito interessante isso, porque uma grande parte do meu trabalho acadêmico foi e é sobre os piores efeitos do grupo totalitário. Mas eu gostaria de salientar que os fascismos teriam menos chances de existir – fascismo ou totalitarismos que sejam – se nós todos tomássemos uma atitude rigorosa de não rir das piadas idiotas. Nunca. Não tem nada que atrapalha um cretino tanto quanto o fato de que, quando ele diz uma piada, ninguém acha engraçado.”

Seu pai havia combatido o fascismo por uma questão estética. Assim como também se usa a estética para apontar para uma criança que cometeu um erro e fez “algo muito feio”. “Um juízo estético seria o capaz de formar uma linha de conduta, mais do que uma doutrina, mais do que

## Apresentação



## Patrocínio



## Empresas Parceiras



## Parceria Cultural



## Promoção



## Universidade Parceira





o sonho do socialismo futuro. Na verdade, para ele, pensando bem, o juízo estético era uma atitude não só diante da arte. Mas uma atitude geral diante da vida. Vocês sabem que pensar no juízo estético como uma espécie de critério moral é geralmente considerado como uma atitude estupidamente hedonista. O cara gosta de sensações agradáveis. Na verdade, não. É um empreendimento, pois o hedonismo neste caso é um empreendimento cultural duríssimo, sem fim. Porque não tem como ter um aproveitamento estético do mundo sem cultura.”

O psicanalista destacou que, quando se faz uma crítica a respeito da modernidade, acusamos a sociedade de ser hedonista, colocando o prazer antes de tudo. Mas isso está errado. “Somos, infelizmente, uma sociedade muito pouco hedonista. E sabe por quê? Porque o hedonismo, como a própria apreciação estética, pede uma extrema atenção ao mundo. E somos distraídos demais para sermos hedonistas. Ninguém é hedonista com um celular na mão. Pode ter um hedonismo do celular. Mas a distração é tamanha que é muito difícil a apreciação.” Segundo ele, a escolha moderna pela vida estética nos ajuda a estabelecer critérios para nos orientar no mundo sem que seja preciso recorrer a livros que tapam os buracos nas estantes.

A partir do século 18, a vida moderna inventa o juízo estético e o pensamento ocidental produz vários tratados sobre a educação do gosto. Entre eles, os textos de Immanuel Kant. “Chegamos à visão kantiana que talvez seja a mais perfeita de formulação deste esforço de pensamento ocidental. Que, no fundo, é totalmente misterioso. No fundo, quando a gente julga uma obra de arte, o que se julga é uma finalidade sem fim. Ou seja: uma coisa que não tem outra finalidade fora dela mesma. O que é uma excelente definição de uma obra de arte, mas talvez se aplique também às nossas vidas.”

Assim, surge a ideia de que a vida é a nossa obra de arte. “Quando entendo que as nossas vidas devem ou podem ser julgadas pela sua qualidade estética, será que estou tendo uma vida feia ou bonita? E o que isso quer dizer? O que é uma vida boa por ser bonita? O que isso significa? Claro que não depende da cor da camisa que escolhi hoje à noite. Nem do corte do meu terno. Depende de algum tipo de elegância entre aspas do nosso comportamento. O que faz com que nós sejamos feios ou não.”

Para Calligaris, este é o ponto em que se alcança uma liberdade tremenda que a modernidade nos deu. Mas que da qual fugimos. “Por exemplo, fugir da liberdade de poder inventar nossas vidas sem ter que evocar uma transcendência. Simplesmente porque achamos certo, bonito

Apresentação



Patrocínio



Empresas Parceiras



Parceria Cultural



Promoção



Universidade Parceira





agir de uma certa maneira e não de outra. Preferimos, no fundo, sempre, e periodicamente, pedir um sentido da vida a alguma transcendência que nos imponha um freio. Que coloque limites à nossa liberdade de ser.”

Assim, nesta fuga, tentamos resolver nos outros as dificuldades que temos com a nossa liberdade. “E quanto mais temos liberdade, mais nos tornamos algozes dos outros, porque é nos outros que tentamos reprimir a liberdade que não toleramos em nós mesmos. Um dos fatos mais terríveis para quem estuda a história da nossa cultura é que a gente costuma dizer que tudo bem se nós queimamos as bruxas e os hereges. Mas isso foi na época das trevas. Não foi na época das trevas, se isso foi a partir do século 16. Foi quando a razão humana era poderosa, estava começando a explorar e a entender o que era o mundo e o universo. Foi uma das poucas épocas em que todo mundo concordava que a Terra era redonda. Hoje há controvérsias.”

Nesta época de fogueiras nasce o que Calligaris definiu como a era da boçalidade. “Eu uso boçal como um conceito e tento promover boçal como conceito. Boçal é aquele que responde ao medo de sua liberdade, reprimindo no outro a liberdade que o apavora.”

Mas, então, como acaba esta história? De um lado, os boçais. De outro, os antiboçais, entre os quais ele destaca os psicoterapeutas – claro, desde que não tentem orientar ou curar os pacientes num ato direto de boçalidade. “Existe muita gente desesperada pela feiura de sua vida. Realmente. E é possível que as pessoas desesperadas pela feiura de sua vida – usando este termo com todo o peso que ele pode ter para alguém como o meu pai – sempre serão esperançosas de transcendência e sempre afirmarão esta transcendência impondo-a aos outros. Será que é possível que a modernidade morra, por exemplo? Que os boçais ganhem? Que o que se abriu ao redor dos séculos 16, 17 e 18 regrida e se apague? Não é impossível.” Para finalizar, contou sobre o falecimento do pai. Em casa, vítima de insuficiência respiratória, e com o filho mais velho presente. “Meu irmão me contou que suas últimas palavras foram: ‘Faça alguma coisa’. O que significava, provavelmente, ‘me ajude a acabar com isso para que eu possa descansar e morrer’. Ou, então, se ele tentava pedir ‘mais um diurético e vamos ver se meu coração aguenta’. Este equívoco possível me ajuda a responder a pergunta que eu coloquei antes. Ou, então, podia ser uma recomendação de ordem geral: ‘Faça alguma coisa na vida’. Eu gosto do equívoco contido nesta frase, porque acho que é bem dele, no estilo dele.”

#### Apresentação



#### Patrocínio



#### Empresas Parceiras



#### Parceria Cultural



#### Promoção



#### Universidade Parceira





Uma frase, como outras tantas, que não tapa o buraco na estante, mas que ajuda a responder sobre o sentido da vida e a maneira como a história que envolve estética e boçalidade vai acabar. “Pode ser que amanhã as trevas voltem. Pode ser que amanhã alguém nos force a jurar que é a eternidade que dá sentido à nossa finitude ou à nossa vida concreta. Ou, então, é o além que deve dar sentido ao aqui. Ou, então, as utopias que vêm dar sentido ao presente. Pode ser que isso aconteça. Mas, até lá, eu fico – no fundo, o que me parece ser a grande lição do meu pai – com a ideia de que a questão do sentido da vida é simples. O sentido da vida é a própria vida concreta. A que vivemos e da qual morrer faz parte”, finalizou.

Apresentação



Patrocínio



Empresas Parceiras



Parceria Cultural



Promoção



Universidade Parceira

